

CLASSE, RAÇA E GÊNERO E AS POLÍTICAS DE INCLUSÃO DO IFMT CAMPUS CUIABÁ BELA VISTA

COSTA, Marilane Alves
Universidade Federal de Goiás/UFG
laneacosta@gmail.com
QUEIROZ, Francismeiry Cristina de
Universidade Federal de Goiás/UFG
francismeiry.queiroz@gmail.com

Este estudo visa contribuir com os debates que ocorrem no campo da Educação, considerando classe, raça e gênero nos Cursos Técnicos Integrados ao Ensino Médio de Meio Ambiente e Química do Campus Cuiabá Bela Vista, do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Mato Grosso (IFMT). O objetivo é, a partir dos dados da situação de matrículas dos estudantes dos cursos técnicos integrados ao ensino médio, analisar o quantitativo de ingressantes, concluintes, retidos, evadidos e desligados, em interface com a classificação racial, de gênero e de classe, extraídos da Plataforma Nilo Peçanha (PNP), e as políticas públicas adotadas pela instituição para incluir o conjunto de estudantes, nos últimos três anos, pós-pandemia da Covid-19.

Partindo de uma pesquisa bibliográfica, observamos que estudos que evidenciem a trajetória das camadas populares, de negros e negras, mulheres e pessoas LGBTQIA+, sobretudo no campo da educação, são necessários para que se avance em políticas públicas que promovam a permanência e o êxito de estudantes em idade escolar, para uma educação emancipadora e equânime, enquanto um direito social.

Nossa compreensão é ancorada em Saffioti (2004), que discorre sobre o Brasil não ter alcançado um nível de democracia desejável e, por isso, ser tão intolerante em relação às diferenças. Ela chama a atenção, também, para as desigualdades enquanto fontes de conflitos e fragmentações de gênero, raça/etnia, de classes sociais.

Outro autor com o qual dialogamos para este estudo é Moura (1988), ao problematizar questões pertinentes a marginalização, pobreza, discriminação e rejeição social de negros no Brasil. Para ele, é preciso refletir sobre isso, fazer uma análise crítica sobre o comportamento alienado de parte da população brasileira que relega os negros à subalternidade, negando a existência e inclusão daqueles que, com o seu trabalho construíram este país por quase quatrocentos anos, escravizados.

Além destas mazelas, observar a condição de classe social dos estudantes é importante para que tenhamos maior compreensão do todo, pois no capitalismo a formação dos trabalhadores e de seus filhos ocorre de forma unilateral, o que confronta com a omnilateralidade em Marx e desenvolvida por Manacorda (2000).

De acordo com a PNP, o número de matrículas dos cursos estudados registra uma queda, assim como os números de ingressantes e concluintes, ao passo que o número de retidos oscila, com grande retenção registrada em 2022, provavelmente em consequência do período pandêmico. Também o número de evadidos ou desligados, se somados, são significativos, apesar de demonstrarem uma queda em 2023, conforme demonstra o quadro abaixo:

Tabela 1: Situação de Matrícula

Situação de Matrículas						
Ano	Matrículas	Ingressantes	Concluintes	Retidos	Evadidos	Desligados
2021	510	146	120	20	14	04
2022	506	147	115	80	08	08
2023	490	140	110	20	11	01
Total	1.506	433	345	120	33	13

Fonte: Plataforma Nilo Peçanha, e elaborado pelas autoras.

A partir destas informações, analisamos os dados pertinentes à condição de renda, sexo e classificação racial, sendo que no ano de 2021, 19,22% dos estudantes não possuíam renda familiar e apenas 6,47% tinham renda igual ou superior a 3.5 salários mínimo. Em relação ao sexo, 63.53% são feminino e 36.47% são masculino. Quanto a cor, os estudantes assim se declararam: 1.8% amarelos, 18.24% brancos, 47.45% pardos, 12.75% pretos e 20% não declararam.

No ano de 2022, 20.75% dos estudantes não possuíam renda familiar e apenas 8,3% tinham renda igual ou superior a 3.5 salários-mínimos. Em relação ao sexo, 66.4% são feminino e 33.6% são masculino. Quando a cor, os estudantes assim se declararam: 2.17% amarelos, 26.68% brancos, 50% pardos, 12.65% pretos e 7.91% não declararam.

Já em 2023, 25.1% dos estudantes não possuíam renda familiar e apenas 6.12% tinham renda igual ou superior a 3.5 salários-mínimos. Em relação ao sexo, 67.55% são

feminino e 32.45% são masculino. Quando a cor, os estudantes assim se declararam: 2.65% amarelos, 27.76% brancos, 48.98% pardos, 12.65% pretos e 7.14% não declararam.

Em posse destas informações, onde destaca-se que os estudantes possuem dificuldades em relação à renda familiar, há uma presença significativa de mulheres, e pardos e pretos são a maioria, a pergunta que se apresenta é: como o campus lida com estas questões? Quais as medidas adotadas para acolher e trabalhar com a diversidade apresentada?

Para responder a estas questões, realizamos um levantamento de documentos institucionais (Severino, 2017) para identificar as medidas adotadas pelo campus. Dentre estas, destacam-se: a institucionalização de comissões permanentes tais como, a Comissão de Permanência e Êxito e a Comissão Permanente de Relações Étnico-raciais e Diversidades (CPDRE).

A Comissão de Permanência e Êxito, tem o objetivo de promover ações para a permanência e êxito dos estudantes garantindo a oferta do ensino com qualidade social e excelência acadêmica. Essas ações fazem parte de um Plano Estratégico do Campus para traçar estratégias adequadas, a partir de diagnóstico realizado com metodologia específica, para atuar de forma preventiva e permanente nas situações de evasão e retenção.

Já a Comissão Permanente de Relações Étnico-raciais e Diversidades, busca articular e acompanhar a efetivação das políticas e diretrizes institucionais para uma educação inclusiva e não sexista, promovendo a equidade entre os gêneros, o combate à violência e a discriminação contra a população LGBTQIA+, valorização da diversidade, promoção da igualdade étnico-racial e defesa da liberdade religiosa e os direitos humanos.

Além disso, os Projetos Político Pedagógicos dos cursos do campus também orientam a prática pedagógica fundamentada na Lei 10.639/03, a educação de gênero, observância à diversidade, inclusão e ações que contemplem as diferenças de classe.

Considerando os dados apresentados e o trabalho desenvolvido pelo campus no que tange classe, raça e gênero, concluímos que as ações empreendidas tem cunho educativo, prezando pela desmistificação de preconceitos arraigados culturalmente nas relações sociais, principalmente por meio da arte, cultura e atividades desportivas. É importante destacar que a questão de gênero está presente em todas essas ações, visto que a opressão, a dominação e a exploração vivenciada pelas mulheres, é estruturalmente presente em nossa sociedade, bem como na escola, espaço este onde temos a

responsabilidade de desconstruir e descontinuar as violências presentes nessas relações sociais, tornando-as mais progressistas e humanizadas.

Palavras-chave: Educação. Classe, raça e gênero. Inclusão.

Referências

MANACORDA, Mario A. Marx e a pedagogia moderna. São Paulo: Ed. Cortez, 2000.

MOURA, Clóvis. Sociologia do negro brasileiro. São Paulo. Editora Ática, 1998.

SAFFIOTI, Heleith Iara Bongiovani. Gênero, patriarcado, violência. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2004 (Coleção Brasil Urgente).

SEVERINO, Antônio Joaquim. Metodologia do trabalho científico [livro eletrônico]. – 2. ed. – São Paulo: Cortez, 2017.